

Notas sobre o significante *mulher* na lírica amorosa erótica de Gregório de Matos

MARIA NAZARETH SOARES FONSECA

1. INTRODUÇÃO

Caracterizar a poesia lírica tem sido tarefa constantemente retomada e implica várias questões. Uma delas seria delimitar o campo da poesia lírica e estabelecer características quanto a sua forma e temática. Pode-se considerar como tentativa de definição a oposição poesia lírica x poesia épica, esta como objetiva e aquela como subjetiva. Tal generalização, entretanto, não esgota o problema, pois há graus de objetividade e subjetividade que devem ser ponderados e que fogem à definição proposta.

Não importa ao trabalho que pretendi fazer a caracterização dos elementos essenciais da poesia lírica. Parti da consideração da linguagem lírica como resultante de uma emoção em que se fundem subjetividade e objetividade, como uma visão do mundo que se expressa através dos sentimentos do poeta. Retomando as palavras de Wolfgang Kayser, poder-se-ia dizer que "o eu defronta-se com alguma coisa que existe, aprende-a e exprime-a"¹.

A partir dessa colocação, alguns pontos a respeito da linguagem lírica ficam explicitados:

1.º — a tomada dos acontecimentos exteriores constitui um pretexto para o despertar da emoção, do sentimento.

2.º — a ambigüidade do significado seria a expressão de uma ambivalência interior, em que o real, o exterior — deixando de o ser — é absorvido pela individualidade.

Essas duas afirmações constituirão o desenvolvimento do trabalho. Interessou-me verificar o papel da mulher na lírica amorosa de Gregório de Matos, tomada como pretexto (no sentido da primeira afirmação) para a evasão de sentimentos que transcendem o simples prazer da posse. Assim tomei o **significante mulher** na lírica amorosa de Gregório de Matos e tentei situá-lo como **objeto do desejo**. O estudo parte da referência aos temas principais relacionados com a mulher e tentará estabelecer, ao longo do trabalho, a correlação mulher/vida, situando-se a mulher como um dos símbolos da vida e/ou eternidade que o poeta busca apreender.

Ainda uma explicação se faz necessária. No presente trabalho os textos selecionados pertencem, na grande maioria, à lírica amorosa erótica de Gregório de Matos, embora nem sempre eu tenha conseguido estabelecer um limite entre lirismo erótico e lirismo platônico, e mesmo entre lirismo erótico e sátira com elementos eróticos.

2. A LÍRICA AMOROSA DE GREGÓRIO DE MATOS — TEMAS PRINCIPAIS

Para Maurice Blanchot, o barroco seria “a arte que se expressa como um equilíbrio e a medida dentro do estranho”.² O elemento estranho poderia ser compreendido como a expressão da perplexidade do homem do século XVII ante a desagregação irremediável dos valores renascentistas, ou como a expressão da dúvida, da angústia mesmo do homem ao se descobrir grande e miserável, anjo e pecador, eterno e marcado irremediavelmente pela morte. Uma atitude de estranhamento caracterizaria, por fim, a procura intensa de conciliação dos elementos antitéticos no homem e no mundo.

O elemento estranho assim compreendido será encontrado na poesia lírica de Gregório de Matos e, na poesia lírica amorosa,

estará marcado pela antinomia: ora a busca da eternidade, da transcendência, do amor-idéia, essência; ora a procura dos prazeres mundanos, do amor conquista, prazer, sexualidade.

Considerando apenas a segunda definição do amor — a busca constante do prazer carnal — observemos os temas mais constantes na obra do escritor.

2.1. O amor como eterno perigo

O poema da página 538-III nos dá a síntese do constante perigo a que o homem está sujeito:

“yo tengo um azar, un tedio,
a todo lo que es sanar,
porque todo es peligrar;
.....
si callo, pierdo la vida
y si digo mi homicida
va-me la vida en callar”

Na lírica amorosa de Gregório de Matos, a mulher e o amor são perigos constantes. A inconstância da mulher e sua volubildade constituem o perigo de que o homem não consegue escapar.

“Mas nem por isso a meu ver
matais menos, sem matar,
que um contínuo suspirar
é um perpétuo morrer:
o bem na lembrança ter
considerá-lo distante.” — p. 677-III

As ciladas estão sempre armadas para o homem. O perigo existe no amor e na vida. A mulher desperta o desejo que tortura e mata.

“Não te posso ver, Anica,
por mais amor me desperte,
que tu és muito tirana
e serás ingrata sempre.” — p. 1450-IV

ou ainda neste outro poema:

“Tal fiquei, e tão absorto,
quando vi tua beleza,
que a minha maior fineza
é amar a quem me tem morto.” — p. 1435-IV

A figura da mulher configurada como anjo e demônio é freqüente na lírica amorosa de Gregório de Matos. A mulher é inconstante, ambígua. Daí a freqüência com que o poeta explora as várias faces da mulher, a multiplicidade de sentimentos que ela desperta. A mulher é um prisma de várias faces, espelho da vida que nela se reflete.

“Tão risonha como a Aurora,
tão alegre como a Páscoa
mais belicosa que o fogo,
e mais corrente que a água.” — p. 568-III

A mesma idéia se repete neste outro poema, onde o poeta explora ainda a idéia da mulher como um prisma de várias faces:

“Mas vejo que tão bela e galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pezares
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.” — p. 524-III

Amar é, em suma, sofrer a insegurança do amor, as esquivanças e os caprichos da mulher amada, viver o eterno perigo do amor.

2.2. A efemeridade do amor *

“O mundo barroco é um palco onde o homem representa sem saber, diante de expectadores invisíveis, uma comédia, cujo autor desconhece e cujo sentido lhe foge.”³ Essa visão da vida como **representação** revela ao homem barroco o efêmero, o fugaz, o instável. O amor, como todas as coisas, existe apenas no momento que passa rápido, no instante de duração do espetáculo. Em consequência disso, o tempo passa a ser uma obsessão. O tempo passa rápido e impede a realização amorosa:

“Os dias se vão
os tempos se esgotam
casemo-nos hoje
que amanhã vem longe” — p. 656-III

Reconhecendo a efemeridade de tudo, o poeta adverte a amada:

“Horas de contentamento
são sempre poucas, e breves.” — p. 945-IV

Paradoxalmente, o tempo que passa rápido é longo, custa a passar, quando a amada não está presente:

“O tempo sagrado
vem com tal vagar
que deve de andar
manco ou aleijado
eu com meu cuidado
morto por vos ver,
e o tempo a deter
a dita que espero.” — p. 656-III

Por isso o tempo é sempre uma presença angustiante. Se passa rápido impede o amor. Passando rápido, torna longo o momento da ausência da amada. O passar do tempo leva à reflexão sobre a efemeridade e a vanidade de tudo. A felicidade é impossível porque o homem está sempre despojado do que ama e deseja. A idéia de representação associa-se à desilusão que advém da impossibilidade de reter o amor fugaz, ou alcançar a felicidade. A vida é sonho, ilusão. O êxtase da posse, a realização completa do amor só é possível no sonho:

“Estava, Clóris minha, possuindo
Desse formoso gesto a vista pura
Alegres glórias mil imaginando
.....

Mas acordei, e tudo resumindo,
Achei dura a prisão, pena segura
Oh se sempre estivera assim sonhando.” — p. 1106-V

A mesma idéia repete-se neste outro poema:

“Ai, Custódia! sonhei, não sei se o diga:
Sonhei, que entre meus braços vos gozava.
Oh se verdade, o que sonhava!
Mas não permite Amor, que eu tal consiga.” — p. 704-III

O tema da fugacidade do amor, da ilusão da posse, da impossibilidade do prazer é retomado pelo poeta através da metaforização do elemento água, símbolo de verdadeira “evanescência substancial”.⁴ A água, que corre, é a própria vida que escoá, é a volubildade da mulher, é a instauração da dúvida, da incerteza. O fluir das águas reflete o caráter enganoso de tudo. A metáfora da água corrente aparecerá com frequência ligada à instabilidade da vida e do amor:

“Como corres, arroio fugitivo?
Adverte, pára, pois precipitado
Corres soberbo, como o meu cuidado,

Que sempre a despenhar-se corre altivo.” — p. 553-III

Neste outro poema, o poeta dirige-se ao rio que corre, tomado sempre como símbolo de inconstância e inconsistência:

“Suspende o curso, ó Rio, retrocido,
Tu, que vens a morrer, adonde eu morro,”
.....
Não corras lisonjeiro, e divertido,
Quando em fogo de amor a ti recorro
E quando o mesmo incêndio, em que me torro,
Teu vizinho cristal tem já vertido.” — p. 556-III

Embora, à primeira vista, o rio pareça símbolo de liberdade, da liberdade do Outro que o poeta não tem, essa liberdade é ilusória. Na verdade, a água é sempre o espelho que reflete “à imagem fugaz de uma existência transitória”⁵, que se pode apreender dos versos:

“Torna atrás, considera discursivo,
Que esse curso, que levas apressado,
No caminho, que empreendes despenhado
Te deixa morto, e me retrata ao vivo” — p. 553-III

O 4.º verso expressa a essência do pensamento do poeta. Ele sabe que a água corrente é o fim que o ameaça, o reflexo de sua instabilidade e a fugacidade de tudo. Somente a partir dessa interpretação é que se pode apreender o sentido bem mais profundo dos versos:

“uma linda, e gentil dama
.....
mais belicosa que o fogo
e mais corrente que a água” — p. 568-III

2.3. O caráter antitético do amor *

2.3.1. A antítese anjo/besta — As inúmeras mulheres que aparecem na lírica amorosa de Gregório de Matos revelam a ambivalência emocional do homem barroco, sempre no limiar entre a pureza e a devassidão. Na descrição da mulher amada — vista sempre como um ser em fuga — a beleza e a fealdade, o grotesco e a graciosidade, a sobriedade e a libertinagem se misturam. Não há limite prefixado entre uma coisa e outra. O conceito espacial alto/baixo espelhará a metamorfose das coisas, sempre marcadas pela morte, e a inconstância de tudo.

O poema da página 1223-V poderia ser tomado como exemplo dessa atitude antitética estruturada pela oposição alto/baixo. É construído a partir de antíteses, de paradoxos que procuram definir o amor:

**“Um antídoto que mata
doce veneno, que enleia
uma discrição sem siso
uma loucura discreta” — p. 1226-V**

Diz o poeta que o amor é “um Rei, que mares domina”, mas é, ao mesmo tempo “um maltrapilho, um ninguém”. Por ser paradoxal, impossível de ser definido e vivido, é que o poeta diz, no verso 1228-V, ser o amor “uma quimera”. Não sendo um sentimento que dignifica e enleva, sendo fantasia e jamais realidade, o amor será definido, então, como a satisfação da carne desejosa de prazer. A linguagem que conclui o poema é crua, desprovida de imagens:

**“O amor é finalmente
um embaraço de pernas
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias
uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboiço de ancas
quem diz outra coisa, é besta.” — p. 1229-V**

2.3.2. O sentido paradoxal do amor — O estilo barroco está dominado por uma fusão paradoxal do racional e do irracional, caracterizando “personagens divididas, de sentimentos mesclados e contraditórios”.⁶ O paradoxo procura — pode-se dizer — expressar formalmente o que seria a própria essência do mundo.

Em Gregório de Matos, os paradoxos, mais que um jogo formal de contradições, revelam um mundo caótico, esfacelado e sem sentido. Observem-se os versos:

**“Amo sem poder falar
morro, porque porque quero bem,
o calar morto me tem,
quero, mas quero calar” — p. 1219-V**

Ou ainda estes outros:

“Querem matar-me os teus olhos,
Anica, e sinto somente,
que se hão de ver-me, e matar-me,
que me matem com não ver-me.” — p. 1446-VI

Vários outros poemas poderiam corroborar o valor do paradoxo barroco sempre como instrumento lingüístico da própria contradição: Contradição da vida, do amor, de tudo enfim.

2.3.3. Metáforas cintilantes: expressão da antítese aparência x essência — Como acentua Helmut Hatzfeld, é comum, no vocábulo barroco, o emprego de substantivos e adjetivos majestosos, brilhantes como o ouro e as pedras preciosas, formalizando uma “atitude barroca de majestade”, que procura conduzir o homem e o espírito à grandeza, às alturas.⁷ Busca-se, através da forma majestosa, encobrir, com uma ostentação às vezes excessiva, o sem sentido da vida, o luxo procurando ocultar o caos em que se encontra o homem.

“los mismos hombres que se consideraban como pobres muñecos en el escenario del mundo, en mano de Dios, concebían un sentimiento de grandeza y de pompa y magnificencia que tenía su fundamento en la convicción interior de ser unas criaturas nobles, dependientes de los más altos poderes eternos.”⁸

As metáforas cintilantes expressam, na aparência, uma grandiosidade que o homem não tem, uma “luminosidade” que não ilumina o caos, o absurdo. Por isso não expressam, em relação à mulher e ao amor, um estado de espírito diferente. Na essência, o amor continua sendo ainda ilusão, inconstância, perigo. Na aparência, a forma majestosa procura ocultar, atenuar o abismo que ela mesma, negando, reafirma:

“Se és um milagre composto
de neve incendiada em sangue,
e sempre o Céu de teu rosto,
mostra dois astros brilhantes” — p. 560-III

Neste outro poema os olhos da amada são diamantes:

“Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo à Sílvia festeja, e tudo a adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.” — p. 680-III

Ou ainda neste outro:

“Sei dizer, que dentro nela
tal riqueza se entesoura,
que não sei, se são diamantes,
se pérolas, se outra coisa” — p. 809-IV

2.4. Amor e Jogo

A tendência barroca de não descrever as coisas, mas refleti-las através da visão da personagem ou do autor-personagem nos leva a outra característica bastante explorada: a propensão ao lúcido.

O homem barroco é um ser em crise que vai usar o jogo como instrumento de rebeldia, liberdade e afirmação da rebeldia,⁹ é através do jogo que o homem barroco procura articular o sem sentido da existência. O jogo é mais uma arma — dentre tantas — com que o homem procura escudar-se.

No poema da página 920-IV, o jogo se estabelece a partir da comparação da cor do cabelo da amada com o brilho do sol. Há uma série de jogos formais feitos de antíteses e paradoxos:

“Sei que o sol vos daria o seu tesouro
Pelo negro gentil desse cabelo
Tão belo, que em ser negro foi desdouro
Do sol, que por ser d'ouro foi tão belo:
Bela sois, e sois rica sem ter ouro
Sem ouro haveis ao sol de convencê-lo,
Que se o ouro por ter ouro é celebrado,
Sem ter ouro esse negro é adorado.” — p. 920-IV

Num hábil jogo de palavras e de construções o poeta estabelece a supremacia dos cabelos negros da amada sobre o ouro do sol. Há, por assim dizer, um rebaixamento do sol e um enobrecimento do negro dos cabelos da amada que, sendo antítese do sol — na cor e no valor — suplanta-lhe o esplendor.

Ainda aqui a oposição aparência/essência se evidencia. O poeta domina a forma, transformada em elementos do jogo e, aparentemente, parece dominar a essência que lhe escapa.

3. CONCLUSÃO

Da análise dos vários temas destacados da lírica amorosa de Gregório de Matos, pode-se deduzir que o amor e a mulher são sempre vistos como o perigo que ameaça, a contradição, a inconsistência. Amar seria apenas fruir intensamente o momento presente e gozar os prazeres mandanos.

Buscar, então, a mulher ou as mulheres seria uma tentativa de rejeição ao efêmero, uma ânsia de transcender a temporalidade. Isto nos possibilitaria concluir que tomando-se, na poesia lírica amorosa erótica de Gregório de Matos, o significante mulher como objeto do desejo, poder-se-ia dizer que a mulher tem em sua obra uma significação mais ampla. Seria a metáfora da própria existência. Os epítetos relacionados com o amor e/ou a mulher estariam implícitos na existência. Amor simbolizaria perigo, insegurança, a própria efemeridade da vida. Buscando a posse da mulher, portanto, o Poeta estaria buscando, também inutilmente, a posse da existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 3. ed. Coimbra. Arménio Amado, 1963. p. 224.
2. HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el barroco*. 2. ed. Madrid, Gredos, 1966. p. 38.

3. **GENETTE, Gérard. Figuras. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 18.**
4. ————. **idem, p. 26.**
5. ————. **Complexo de Narciso in Figuras São Paulo. Perspectiva, 1972. p. 23 — 30.**
6. **SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura 3. ed. Coimbra, Livraria Almedina, 1969. p. 378.**
7. **HATZFELD, Helmut. op. cit., p. 152.**
8. ————. **op. cit., p. 154.**
9. **AVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco. São Paulo. Perspectiva, 1971.**